

A DOCUMENTAÇÃO ANTUERPIANA SÔBRE O ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS E O PROF. DR. HERMANN KELLENBENZ (*).

Do próprio Arquivo Real de Antuérpia escreve-nos o Prof. Hermann Kellenbenz, catedrático da Universidade de Erlangen-Nürnberg, sôbre o andamento das suas pesquisas referentes ao 1.º engenho de açúcar brasileiro, o São Jorge dos Erasmos.

E esta comunicação se nos afigura de suma importância por duas razões:

1). — pelo pêsso da autoridade do Prof. Dr. Hermann Kellenbenz, considerado um dos expoentes da historiografia contemporânea, no campo de sua especialidade.

2). — pela localização dos papéis de um tabelião antuerpia-no seicentista, contendo uma série de documentos sôbre relações comerciais entre os mercadores de Antuérpia e os portos brasileiros, inclusive São Vicente e Santos, nos primeiros séculos de nossa História.

Trata-se de uma pista valiosíssima que poderá conduzir à uma verdadeira mina de riqueza imprevisível, em se tratando de um eventual esclarecimento, até então desconhecido, sôbre um dos capítulos mais obscuros da nossa História. Todavia, conforme alerta o próprio Prof. Kellenbenz, é trabalho demorado, que exige tempo e dedicação, porquanto a documentação avança quase por um ano inteiro. Coube-lhe localizar o tesouro, caberá a outros a efetiva e produtiva exploração.

(*) — O Prof. Dr. Hermann Kellenbenz nasceu em Suessen-Wurttemberg, nos arredores de Stuttgart, a 28-VIII-1913. Estudou (em: Tubingen, Munique, Kiel, Estocolmo. Em 1938 recebeu o título de Doutor em Filosofia, em Kiel. Em 1950 foi Docente da Universidade de Wurzburg. Em 1957 foi Catedrático da Escola Superior de Estudos Econômicos e Sociais de Nurnberg, da Universidade de Erlangen-Nurnberg. De 1952-1954 cursou como Fellow da Fundação Rockefeller a Universidade de Harvard (Cambridge Mass.); esteve em Paris na "Ecole des Hautes Études" (estagiando junto ao Prof. Braudel). De 1958-1960 esteve em viagens de estudos aos principais centros universitários da Europa e da América, inclusive o Brasil, onde pesquisou e pronunciou conferências em Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. Atualmente prepara-se para participar ativamente do Congresso Internacional de História, a ser realizado em Estocolmo, em agosto próximo (*Nota da Redação*).

Quanto aos papéis da Casa do Duque d'Ursel, que também localizou, e nos quais trabalhou durante 8 dias, não conseguiu, por ora, encontrar vestígios de plantas ou informações que possam interessar uma problemática restauração, ou mesmo preservação das venerandas ruínas do engenho de São Jorge dos Erasmos, que se encontram na vizinha cidade de Santos, em áreas urbana doada ao patrimônio da Universidade de São Paulo pelo então proprietário Sr. Octávio Ribeiro de Araújo, em memorável cerimônia cívica realizada na Câmara Municipal de Santos, a 31 de janeiro de 1958.

Lamentavelmente e por razões que se desconhecem, o Prof. Kellenbenz constatou que no Arquivo Real de Antuérpia os papéis dos Schetz — ex-proprietários do engenho de São Jorge dos Erasmos, e dos quais descendem os atuais Duques d'Ursel, doadores desse valioso patrimônio histórico ao referido Arquivo — continuam desordenados, de consulta difícil, apesar da facilidade de acesso que lhe foi concedida. Desordem já verificada em 1956 pelo Cônsul brasileiro Henrique de Araújo Mesquita quando, atendendo também ao nosso pedido e por intermédio do Consulado Geral da Bélgica de São Paulo, teve oportunidade de visitar e entrar em contacto com as pessoas encarregadas do arquivo real antuerpiano. Da interessante comunicação, datada de 6 de novembro de 1956, verifica-se o seguinte:

1). — a existência incontestável de uma documentação antuerpiana, ainda inédita, sobre relações comerciais daquele importante pôrto flamengo com a capitania de São Vicente, em particular, e o Brasil em geral, nos séculos XVI e XVII. Cumpre considerar que, até então, essa documentação era ponto contravertido entre os nossos historiadores.

2). — que a arquivista, Mlle. Le Jour, com quem o Cônsul Mesquita entendeu-se pessoalmente, informou sobre a necessidade de uns seis meses para pôr em ordem os papéis dos ascendentes quinhentistas do Duque d'Ursel, e da possibilidade de cópias microfilmadas dos mesmos.

Ora, passaram-se os anos e apesar de reiteradas solicitações nada mais ficamos sabendo. E recentemente o Prof. Kellenbenz encontrou a mesma dificuldade em orientar-se e, ainda mais, não conseguiu avistar-se com a arquivista, talvez a mesma Mlle. Le Jour, então em férias. A morosidade da sistematização de um arquivo tão importante, como acreditamos seja o Real Arquivo de Antuérpia, compreende-se, mas não se desculpa.

Enquanto se aguarda providências efetivas por quem de direito a fim de se apressar a sistemática dos papéis do duque

d'Ursel, como também a tramitação necessária para obtenção de cópias microfilmadas, a começar pelo livro do tabelião an-tuerpiano seiscentista que, como não poderia deixar de ser, se-rão divulgadas com prioridade e exclusividade pela nossa **Re-vista de História**, justifica-se que se focalize alguns traços da atividade universitária do Prof. Dr. Hermann Kellenbenz.

O Prof. Kellenbenz na oportunidade do colóquio de Es-tudos Luso-Brasileiros realizado em Salvador, em agosto último, veio a esta capital onde demorou alguns dias, pesquisando no Departamento do Arquivo do Estado e pronunciando conferên-cias. Dentre elas, destacamos a que proferiu a convite da **So-ciedade de Estudos Históricos**, no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, às 20,30 horas do dia 25 de setembro p. p., sobre: "Relações co-merciais entre os portos do norte da Europa e o Brasil no sé-culo XVI". Ainda, em companhia de professôres da mesma Fa-culdade e do chefe do 4.º distrito do Patrimônio Histórico e Ar-tístico Nacional, realizou uma excursão ao sítio do engenho de São Jorge dos Erasmos, em Santos, onde teve oportunidade de admirar e fotografar as mais antigas ruínas quinhentistas con-hecidas de todo o Brasil. Assim, coube-lhe conhecer, **in loco**, o pro-blema da restauração ou da preservação das mesmas, condiona-do à existência de um roteiro, provavelmente existente entre os papéis dos Schetz, comerciantes flamengos, proprietários do en-genho açucareiro, que sempre foi administrado por feitores e cujos relatórios devem estar entre a focalizada documentação an-tuerpiana. O Prof. Kellenbenz — que já havia tomado conheci-mento na Europa de nosso trabalho, por intermédio do Instituto Hans Staden desta capital e, considerando-o desde então dentro da mesma linha das pesquisas que vem realizando — mostrou-se vivamente interessado e prometeu-nos efetiva e desinteres-sada colaboração. Prometeu e cumpriu. Concorrendo e muito para que prosseguíssemos nessa investida, que remonta há cêr-ca de 2 lustros.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

Professôra da Cadeira de História da Civilização Brasileira da
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos.